

Ambivalências e deslocamentos: o Porto Rico de Rosario Ferré

Ambivalence and Dislocation: Rosario Ferré's Puerto Rico

Stelamaris Coser*

Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

319

RESUMO: Na vida e obra de Rosario Ferré, ambivalências e deslocamentos encontram-se emaranhados na complexidade política, econômica e social porto-riquenha e suas raízes coloniais. A partir de perspectivas manifestas pela escritora, este trabalho focaliza processos que envolvem, em momentos diversos ou simultâneos que vão desde o início do século XX até os dias atuais, a separação, duplicação e hibridação das línguas espanhola e inglesa entre a população de Porto Rico, estando ela fixada na ilha ou nos Estados Unidos/continente. Reconhecida por seu trabalho pioneiro como ativista cultural e feminista e por sua ousadia ao enfrentar contradições e rupturas, Ferré se envolveu diretamente nas controvérsias em torno do lugar porto-riquenho e de sua língua.

PALAVRAS-CHAVE: Porto Rico. Rosario Ferré. Deslocamentos. Língua e cultura.

ABSTRACT: In Rosario Ferré's life and work, dislocation and ambivalence are intertwined in the Puerto Rican political, economic, and social complexity, and its colonial roots. Based on views expressed by the writer, this paper focuses on processes that involve, in diverse or simultaneous moments that run from early 20th Century until today, the separation, doubling, and hybridity of the Spanish and English languages among Puerto Rican people, whether they remain on the island or have moved to the United States/continent. Recognized for her pioneer work as cultural activist and feminist, and for daring face up to contradictions and ruptures, Ferré was directly involved in controversies surrounding the Puerto Rican place and language.

KEYWORDS: Puerto Rico. Rosario Ferré. Dislocation. Language and Culture.

* Doutora em Estudos Americanos pela University of Minnesota.

Em escritos jornalísticos, entrevistas, ensaios, contos e romances, Rosario Ferré com frequência problematiza questões de língua e identidade cultural, relacionando-as à herança colonial, às estruturas de poder econômico e político e às migrações e deslocamentos que caracterizam a história de Porto Rico. A controvérsia e a ousadia pontuam diversas etapas de seu comportamento e de sua obra, frequentemente polemizando e surpreendendo. Até seu falecimento na cidade de San Juan, no dia 19 de fevereiro de 2016, aos 77 anos, Rosario atestou a complexidade do lugar por ela ocupado na sociedade e nas letras de seu país¹. Em sua escrita, a ilha de Porto Rico é um "espaço de *encenação*"² privilegiado para releituras da história econômica, política e social que são empreendidas por um viés feminista, desde suas primeiras publicações. De modo semelhante a outras cidades e ilhas do Caribe e a diversos pontos das Américas, a ilha é um espaço de trânsito onde a violência e a exploração são mantidas pela estrutura neocolonial vigente. Diferente da maioria das ex-colônias, porém, Porto Rico nunca chegou à independência política. Situado no centro do continente americano, esse lugar intermediário foi disputado por diversos poderes europeus e dominado pela Espanha durante quase quatro séculos, de 1508 até 1898, ano em que os Estados Unidos derrotam a Espanha e assumem o controle da região.

Nos estudos culturais das últimas décadas, um grande número de textos críticos tem focalizado as complexidades e rupturas advindas do lugar "entre" ou "trans", decorrentes de heranças coloniais e processos de migração continuada. Como aponta Nubia Hanciau (2005, p. 127), alguns dos conceitos mais citados entre nós são "entre-lugar (S. Santiago), lugar intervalar (E. Glissant), *tercer espacio* (A. Moreiras), espaço intersticial (H. K. Bhabha), [...] zona de contato (M. L.

¹ Porto Rico será tratado neste trabalho como "nação" ou "país", a despeito da longa polêmica e indefinição sobre seu status oficial e da continuada dependência dos Estados Unidos.

² Termo que adapto de Spivak (1994, p. 198).

Pratt) ou de fronteira (Ana Pizarro e S. Pesavento), o que para Régine Robin representa o *hors-lieu*". Ainda segundo Hanciau (p. 130), o discurso contemporâneo responde ao "desafio das misturas" e à porosidade das fronteiras quando presta especial atenção à "representação de lugares, que se impõem pela sua natureza intermediária e paradoxal". Esses espaços ambivalentes e fluidos, marcados pela impureza, contaminação e incoerência, recusam a ilusão do autêntico e a possibilidade de identidades homogêneas e únicas. Por outro lado, as migrações, afastamentos e rupturas alimentam a fantasia do retorno à origem, ao refúgio ideal, lugar de coerência, segurança e felicidade onde vigore uma língua clara e pura. Nesses e em outros aspectos, são contundentes os desafios e as contradições que afetam Porto Rico de maneira particular.

A ilha: uma longa história abreviada

Na época da chegada de Colombo e outros europeus, os habitantes indígenas denominavam a ilha de *Barikén*, palavra que deu origem a *Borinquén* e aos adjetivos *borícuo* e *borincano* para identificar a população porto-riquenha e sua cultura. Localizado na rota de navios que transportavam escravos africanos, colonos e/ou mantimentos para as colônias das Américas, Porto Rico foi palco da violência inicial e das misturas interracialis entre espanhóis, índios Arauaques (também chamados Taínos) e africanos, escravos ou libertos. Aos escravos negros, trazidos para as plantações de cana-de-açúcar desde o século XVI, juntaram-se outros fugidos das ilhas vizinhas, atraídos pela promessa de liberdade oferecida pelos colonizadores espanhóis que tentavam assegurar a ocupação da ilha e reforçar a resistência aos ataques franceses e ingleses. Esse processo contraditório e desigual fez com que "a mescla de etnias" se tornasse "o primeiro pavimento da formação social porto-riquenha" (PORTO RICO, 2009). Culturalmente, a ilha ainda receberá a influência dos contatos próximos com o

Haiti e com o Caribe anglófono, além de Cuba e da República Dominicana, como assinala Juan Flores (1992).

Após quase quatro séculos, quando a derrota da Espanha em 1898 dá início à intervenção norte-americana na região, a ilha passa de colônia espanhola a possessão dos Estados Unidos. Os “americanos” chegam como salvadores de um povo empobrecido e devastado pela guerra civil (como pensa o narrador no conto de Ferré, “Captain Candelario’s heroic last stand”). Mas na crônica “De Puerto a Porto”, por outro lado, a escritora registra com ironia essa troca de poderes coloniais que só trouxe o agravamento da crise e da miséria, numa ilha também devastada por um furacão:

El cambio de hegemonía y el huracán San Ciriaco, que azotó la Isla en 1898, nos hundieron en la miseria y en la recesión. Perdimos el mercado del café y el negocio del azúcar pasó mayormente a manos norteamericanas. La ironía era evidente: llamarnos Puerto Pobre hubiese sido mucho más adecuado (FERRÉ, 2005a, p. 143).

Desde o início do século XX, o governo de Washington buscou formas de regulamentar a situação jurídica ambígua da nova colônia. Através do *Jones Act* de 1917, a Suprema Corte estabeleceu que os porto-riquenhos seriam considerados, de forma geral e coletiva, cidadãos dos Estados Unidos, mas seus direitos não equivaleriam aos do cidadão americano comum. Além disso, até hoje os que vivem na ilha têm direitos diferentes dos que migraram para a *mainland*, o continente, o que torna identidades e escolhas um emaranhado complexo e conflituoso. Inclusive, como enfatizam Roberts e Stephens (2017), a popularização do uso do termo *mainland* [a terra principal] consagra o bloco hemisférico, os Estados Unidos, em sua extensão territorial e poder imperial, enquanto desvaloriza e pulveriza suas ilhas e possessões.

Dividindo as simpatias da população e dos partidos políticos, reivindicações de cunho nacionalista e independentista têm existido paralelamente a propostas que favorecem uma ligação parcial ou total aos Estados Unidos. Em 1952, Porto

Rico foi reconhecido como “Estado Livre Associado” (abreviado ELA, ou *Commonwealth*, na língua inglesa), com poder de eleger seu governo interno e estabelecer uma Constituição, mas política e economicamente subordinado ao governo central dos Estados Unidos. O 25 de julho de 1952 é celebrado como a data da “independência” porto-riquenha, supondo que o ELA representou uma vitória e viabilizou o melhor status possível na época. Apesar dos diversos plebiscitos que, desde 1967, consultam a população da ilha sobre seu status político de preferência (com termos e resultados geralmente envoltos em polêmica), a independência foi-se tornando cada vez mais distanciada em face do reconhecimento maciço (ou da necessidade) de vinculação com os Estados Unidos, ainda que haja dúvida quanto à forma ideal do vínculo:

Os porto-riquenhos nunca estiveram divididos pelos extremos - independência plena ou anexação total aos EUA. Nos referendos de 1993, apenas 4,4% dos habitantes de Porto Rico votaram pela independência em relação aos EUA; 48,4% foram contra a anexação e 46,2% a favor (VILAS- BOAS, 2000).

Mantendo a tendência, o plebiscito de 1998 conferiu 46.5% dos votos a favor do “estado”, apenas 2.5% para “independência” e, ironicamente, 50% dos votos à opção “nenhum dos itens acima”, percentual maior que o obtido pela soma das outras opções. Porém, na avaliação de Rosario Ferré (1998), o resultado seria outro se as consultas fossem realizadas entre porto-riquenhos residentes fora da ilha, pois muitos dos que partiram e/ou seus descendentes continuam a defender a independência, projetando nela um desejo mítico de origem, a ilusão da diferença intocada e de um paraíso preservado. Na falta de uma decisão oficial, o Congresso americano mantém a definição de território dependente, mas “não incorporado” ao país, o que realimenta protestos e encoraja uma situação controversa, instável e insatisfatória agravada pela séria crise econômica.

A história pode apontar as raízes da pobreza e sua segmentação. Até o final do século XIX, enquanto colônia espanhola, Porto Rico desenvolveu-se (ou

estagnou-se) com base numa concentração de terras que provocou a dispersão e dizimação dos índios nativos. A (mono)cultura da cana-de-açúcar e depois do café era sustentada por mão de obra negra e escrava, como em outras regiões da América Latina ao longo do Atlântico. O intenso grau de miscigenação que ocorreu do século XVI ao XIX reflete-se de forma diversa nos porto-riquenhos transplantados para o continente, bastante divididos em termos de raça e cor, e aqueles que permanecem na ilha, majoritariamente brancos. De acordo com o Censo do ano 2000, dentre os que vivem nos Estados Unidos 47.2% se identificam como brancos, 5.9% negros e 37.9% outro. Na ilha, por sua vez, a população se define como 80.5% branca (maioria de origem espanhola), 8% negra, 0.4% ameríndia, 0.2% asiática e 10.9% mista ou outro. A religião é 85% católica (PUERTO RICO, 2008) e duas línguas são estabelecidas como oficiais: primeiro o espanhol e depois o inglês, que é ensinado nas escolas como segunda língua.

Estimativas feitas em 2012 calculam menos de 4 milhões de pessoas residindo na ilha, numa tendência decrescente, enquanto quase 5 milhões de porto-riquenhos, ou seja, 58% da população total, residem nos Estados Unidos (CASTILLO, 2012, para a CNN). A migração para os Estados Unidos aumentou desde o Jones Act de 1917, dada a possibilidade da obtenção de cidadania, logo atraindo os *jíbaros*, camponeses pobres e destituídos de suas terras, que engrossavam a periferia das cidades porto-riquenhas. Músicos e compositores também buscaram melhor sorte em Nova York e cantaram sua terra na nostalgia do exílio, como fez Rafael Hernández (1891-1965) em seu famoso “Lamento Borincano”.³ Na canção provavelmente composta em 1929, quando Hernández tentava a vida em Nova York, o músico glorifica sua ancestral “*Borinquen, la*

³ Diz a letra: “Ytriste, el jibarito va, pensando así, / diciendo así, llorando así por el camino: / “que será de Borinquen, mi Dios querido? / Que será de mis hijos y de mi hogar?”.

tierra del Edén”, cognominada “*la perla de los mares*”, e lamenta a triste sina do país que agoniza na pobreza e na dor⁴.

Nos anos 1940, a chamada “Operação Bootstrap” injetou recursos na ilha e atraiu investimentos de grandes firmas dos Estados Unidos através da isenção de impostos, mas a modernização trouxe maior desemprego. O movimento migratório tornou-se de larga escala após 1950, quando muitos trabalhadores e famílias saíram da ilha em busca de melhores condições de trabalho e renda, radicando-se em áreas pobres de Nova York. Esse processo de deslocamento intensificado trouxe efeitos marcantes na língua e na cultura de um lado e de outro do canal, refletindo-se tanto “na literatura nacional de Porto Rico”, quanto na “efervescência política e cultural” em torno dos poetas *Nuyorican*, que surgiram exatamente no Lower East Side da cidade de Nova York (PORTO; TORRES, 2005, p. 250-51)⁵. Passadas várias décadas, os porto-riquenhos se encontram hoje em partes diversas dos Estados Unidos, destacando-se na vida pública e nos campos acadêmico, artístico e literário. Intensificam-se as contaminações e intercâmbios linguísticos e culturais.

A ilha de Rosario Ferré

Nascida em 1938 Rosario Josefina Ferré Ramírez de Arellano, em Ponce, ao sul de Porto Rico, a escritora vivenciou tanto as contradições sociais mais arraigadas, quanto os deslocamentos mais recentes entre a ilha e os Estados Unidos/continente. Com lugar garantido na elite local, transitou com mais

⁴ A canção já foi gravada no Brasil por Caetano Veloso (*Fina Estampa*, 1994). Hernández louvou a ilha em outras canções, como “Preciosa” (provavelmente de 1937). Interpretada pelo cantor porto-riquenho Marc Anthony no show do Madison Square Garden em 2005, mostrou o poder de levar a plateia a um delírio de orgulho patriótico.

⁵ O termo *Nuyorican* conjuga *New Yorker* + *Puerto Rican*. As criações de poetas como Tato Laviera, um dos nomes mais conhecidos do grupo, mesclam *español* e inglês numa linguagem híbrida e reinventada.

frequência a fronteira entre as línguas espanhola e inglesa, apesar da descendência francesa do pai, Luis A. Ferré. Bisneto de um francês que veio trabalhar no Canal do Panamá (FERRÉ, 1991, p. 84), ele foi engenheiro, empresário, governador eleito de Porto Rico no período 1968-1972 e depois membro do Senado Federal. Em 1967 fundou o Partido Novo Progressista (PNP), defendendo a anexação de Porto Rico como estado americano. Sua esposa, Lorenza Ramírez Ferré, descendia de uma família da aristocracia canavieira, classe que menosprezava os novos-ricos da indústria (FERRÉ, 1991, p. 86). Quando a mãe faleceu em 1970, Rosario a substituiu em eventos oficiais até o final do mandato do pai governador, embora divergissem politicamente. Por outro lado, a morte da mãe lhe trouxe uma herança que permitiu a independência financeira e a possibilidade de dedicar-se à escrita literária.

Ao repensar a história de Porto Rico na sua escrita, Ferré desmonta a crença na nobreza e opulência da colônia espanhola e ironiza a ocupação militar e econômica pelos americanos. Nos tempos iniciais do controle europeu, diz ela, a zona rural é habitada por "escravos fugidos que escapam das ilhas vizinhas", estimulados pela promessa de liberdade. Ali aportam também "soldados renegados, marinheiros desertores", que desenvolvem "uma economia de contrabando" (FERRÉ, 2005a, p. 142)⁶. Mesmo fazendo parte da chamada aristocracia rural, a escritora se recusa a idealizar a relação com a Espanha. Porto Rico era uma colônia pobre e rejeitada, e o apego a um passado glorioso parece algo completamente utópico.

Quizás por ser la más pequeña de las Antillas Mayores, España ignoró siempre a Puerto Rico. Los negocios en Cuba y Santo Domingo eran más prósperos, las tierras más generosas. Nuestras haciendas nunca florecieron, la burguesía nunca fue muy acaudalada. Gran parte de nuestra historia se definió alrededor de una riqueza mítica y pasajera que pernoctaba en las mazmorras de la Fortaleza. El Puerto Rico de riqueza fabulosa fue siempre un sueño (FERRÉ, 2005a, p. 142).

⁶ Tradução livre da autora deste ensaio, como em outras citações feitas em português e vindas de fontes referenciadas em língua inglesa ou espanhola.

Através da ficção, Ferré aborda também o crescimento tortuoso da ilha sob o governo norte-americano ao longo do século XX. As mudanças econômicas concentram o poder nas mãos dos banqueiros “do norte”, que investiram na construção de escolas, estradas, bases militares e navais, portos e indústrias. Wall Street compartilha alguns recursos com “os industriais e comerciantes da cidade” e mal suporta “a velha aristocracia dos vales canavieiros”, destinada a ser destronada pela nova burguesia urbana. Os esqueletos empoeirados de antigas mansões dividem espaço com as favelas em expansão e as moradias improvisadas dos pobres e desempregados, pintadas em cores fortes para disfarçar a realidade poluída e agradar aos turistas (FERRÉ, 1996a, p. 122).

Em sua vida pessoal, a condição social privilegiada e as idas e vindas entre ilha e continente fizeram dela uma jovem culta, bilíngue, com marcada influência católica. Após educação inicial numa escola jesuíta e depois no Colégio Sagrado Corazón, em Porto Rico, Ferré estudou numa conceituada escola católica de Nova York e cursou Francês e Inglês em duas universidades particulares (Wellesley e Manhattanville, esta última católica). Ao retornar à ilha, casa-se, tem três filhos, separa-se e cursa o mestrado em literatura espanhola e latino-americana na Universidade de Porto Rico. Estuda com professores brilhantes, como Angel Rama e Mario Vargas Llosa, e aprofunda sua relação com estilos e questões presentes na literatura da América Latina. Começa a escrever e ajuda a fundar e editar a irreverente revista *Zona de Carga y Descarga*, que marca o início de sua carreira como ensaísta, poeta, contista e romancista. Assim, na década de 1970, Ferré se afirma como líder feminista e nacionalista e se manifesta contra a exploração patriarcal e colonial tanto em seu trabalho jornalístico, quanto nas primeiras histórias publicadas na coletânea *Papeles de Pandora* (1976).

Nos anos 1980 retorna aos Estados Unidos para o doutorado na Universidade de Maryland e defende tese sobre *A filiação romântica dos contos de Julio Cortázar*. Trabalha como professora em universidades conceituadas da costa

leste dos Estados Unidos (Rutgers, Harvard e Johns Hopkins, entre outras). Após oito anos de residência em Washington D.C., a escritora percebe que falar espanhol não era suficiente para manter aceso o emaranhado de sensações, pessoas, lugares, sons, cheiros, cores e imagens que compunham sua identidade porto-riquenha. Mais adiante, Ferré vai contar como foi preciso realimentar a memória de tudo aquilo retornando a sua terra natal:

Me di cuenta de que la distancia y el tiempo adormecían la memoria, y que uno podía dejar de ser puertorriqueño sin dejar de hablar español. Uno era el compendio de lo que llevaba diariamente impreso en la piel: la brisa cálida del Caribe en Ponce, el viento loco del Atlántico en San Juan, los aguaceros de vejiga explotada de Mayagüez. Yo era el olor de la tierra, el escándalo de los carros en el tapón, los bacalaitos fritos de Loíza Aldea, el olor del café Yaucono en la mañana, y el recuerdo de la piel negra de Eusebia. Al estar lejos de lo que definía mi piel, mi yo se había ido decolorando como una foto vieja. Cuando entendí eso, regresé a vivir a la Isla (FERRÉ, 2005a, p. 41-42).

Em 1990, de volta à ilha, considera viver sua época mais produtiva⁷. Prossegue na vida acadêmica como professora de literatura latino-americana na Universidade de Porto Rico, e constrói uma literatura densa e forte inspirada por seu antigo desejo de independência, o gosto pelas artes, os deslocamentos geográficos, linguísticos e culturais, e as tensões políticas e econômicas na pequena-grande Porto Rico. Seus temas e personagens estão geograficamente fincados na ilha e inseridos na dolorida história de clivagens e hierarquias de classe, raça e gênero herdadas do sistema colonial espanhol. Segundo Juan Flores (1992, p. 187-188), a literatura de Ferré, como a de outros escritores porto-riquenhos ao longo do século XX, continua voltada para a pergunta-chave apresentada a intelectuais da ilha em 1929 pela revista *Indice*: “Quem somos nós, e como somos?”. As publicações literárias, o trabalho como ensaísta e jornalista e o interesse marcante de Ferré por Porto Rico lhe angariam, até o

⁷ “O período mais fecundo de minha produção ocorreu a partir de 1990, quando regressei a Porto Rico para viver e escrevi *La batalla de las vírgenes*, *La casa de la laguna*, *Vecindarios excéntricos* e *El vuelo del cisne*, meu novo romance. Reencontrar-me com minha pátria, com este país que havia deixado, mas que, como a morte ou a vida, estava me esperando na curva do caminho, foi uma experiência profunda” (FERRÉ, 2001).

início dos anos 1990, uma posição de influência e respeito entre colegas, intelectuais e escritores.

Sua escrita mostra uma *latinidad* que ultrapassa fronteiras e se aproxima da literatura do cone sul, particularmente em ligações intertextuais com o argentino Julio Cortázar e o uruguaio Horacio Quiroga (GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, 2010). Diversos críticos já observaram ecos de Gabriel García Márquez (além do sulista Faulkner) e de Isabel Allende nas representações da burguesia decadente e de intrincados núcleos familiares para narrar a história do país e da região, como exemplificam o romance *The House on the Lagoon* (1995) e as histórias em *Maldito amor* (1986, traduzido para o inglês pela autora com o título *Sweet Diamond Dust*, 1996). Rosario Ferré prefere definir-se como escritora de Porto Rico e da América Latina, pertencendo assim a uma “comunidade continental” situada acima de “paixões e preconceitos nacionalistas”, onde destaca a liderança das brasileiras Clarice Lispector e Nélide Piñon (1991b, p. 164).

O entre lugar vivido por Ferré não é apenas literário, linguístico ou geográfico. Sua experiência pessoal faz ponte entre a posição privilegiada da elite branca e as crenças e sofrimentos das babás negras que a serviam. A força dessas mulheres marcou profundamente os afetos e a escrita da autora. Sua obra também começa criando ligações entre os papéis tradicionais de gênero e as ideias feministas inspiradas pelas pioneiras europeias Woolf e Beauvoir e a precursora mexicana Sor Juana Inês de la Cruz. Com isso, desafia a hegemonia masculina e as divisões de classe e raça prevalentes no cenário literário do país, como reconhece a escritora Ana Lydia Vega sobre os primeiros contos de Rosario na década de 1970:

Sua primeira publicação foi considerada um escândalo. Ali estava a filha de um ex-governador, uma mulher rica que quebrou as convenções de sua classe. Quando ela publicou, ganhou imediatamente a atenção nacional. Isso destruiu as barreiras existentes (VEGA, 1994).

Ressaltando os aspectos inovadores da literatura contemporânea de autoria feminina em Porto Rico, Juan Flores (1992) destaca a criatividade de Ferré na construção de uma nova narrativa de identidade nacional, composta de referências culturais múltiplas e uma consciência crítica que explora e interliga esses fios. A dança e a música são presenças constantes em sua escrita, onde ressoam ritmos negros hibridizados como a popular *plena*. Esta “canção narrativa que detalha as dores e ironias do povo”, conjugando comentário social, humor e protesto com base na música africana (BAILYN, 2005), é provavelmente originária do século XIX e da região litorânea e canavieira de Ponce, terra natal da escritora. No Brasil, Márcia Hoppe Navarro (1995, p. 42-43) também ressalta que as histórias da coletânea *Maldito amor* [*Sweet Diamond Dust*], por exemplo, exigem “uma reavaliação da subjetividade histórica, afirmando vozes marginais - aquelas que têm sido excluídas do discurso oficial”.

Embora fosse parte da elite *criolla* composta de fazendeiros e profissionais (setores da classe e cultura dominante que oprimiam os negros e trabalhadores que formavam a base da população e da cultura da ilha, como ressalta José Luiz González (1980), Ferré com frequência criticou a dominação colonial espanhola e desafiou tabus hegemônicos. Na virada para o século XXI, porém, o choque político ocorre de forma inversa: Rosario, membro da rebelde ‘geração de 1970’, desafia agora as expectativas de colegas e admiradores com sua defesa pública do bilinguismo e da incorporação da ilha como estado americano.

Escrita e linguagem: traduções e hibridismos

Em diversos momentos de sua obra, Rosario Ferré aborda sua profunda relação pessoal com a linguagem e a criação literária. Em *A la sombra de tu nombre* (2001), por exemplo, declara que “o trabalho que escolhemos determina nosso destino muito mais do que a genética ou o ambiente. No final, nem o nome de

batismo, nem o sobrenome da família resultam tão importantes” (apud CANDAL, 2001). No ensaio “*La cocina de la escritura*”, sublinha seu débito e intimidade para com a língua materna, a “palavra-mãe” que lhe deu caminho e identidade própria: “É por isso que tenho tanta confiança nela, tanta ou mais que tive em minha mãe biológica”, confessa a escritora (1980). Por outro lado, a experiência de estudo e trabalho acadêmico em espanhol e em inglês deu-lhe tal fluência e desembaraço nas duas línguas que se tornou sua própria tradutora. Para abordar sua concepção de literatura intervalar e o lugar *in-between*, usou a metáfora de um sonho pessoal em que ela, tentando atravessar um canal entre Washington D.C. e San Juan, flutuava sobre as águas verdes como a Ofélia shakespeariana. Este seria seu “habitat verdadeiro” como escritora e tradutora: “nem Washington nem San Juan, nem passado nem presente, mas a fenda entre eles”. Já que “toda escrita, de certa forma, é uma tradução”, seu trabalho deveria “desistir de alcançar esta ou aquela praia” para tornar-se “o ponto de encontro entre as duas”, um difícil desafio tanto em termos profissionais quanto pessoais. Ferré dá testemunho da angústia que perpassa a experiência de deslocamento, tendo “experimentado o exílio como forma e estilo de vida” e enfrentado a necessidade de permanente tradução entre lugares e línguas, numa “constante recriação de mundos divergentes” (FERRÉ, 1991b, p. 154-155; p. 163).

Por muito tempo defensora da independência de Porto Rico, Rosario sempre escrevia seus trabalhos em espanhol e só depois traduzia para a língua inglesa. Seu primeiro livro, *Papeles de Pandora* (1976), por exemplo, só vai tornar-se *The Youngest Doll* em 1991, na tradução feita pela própria escritora com Diana Vélez. A importância política e o caráter de resistência dessa prioridade linguística são comentados por Armando Figueroa, que assinala:

Dado el complejo proceso de desculturización que vive la sociedad puertorriqueña a causa de su ambigua situación política y de la penetración del *american lifestyle* en su vida cotidiana, escribir en castellano en Puerto Rico es un acto de resistencia cultural. La obra de la narradora y poeta puertorriqueña Rosario Ferré (Puerto Rico,

1938) habrá que leerla, por lo tanto, en este contexto (FIGUEROA, 1994, p. 22).

Na década de 1980, a autora deu início ao processo de tradução e adaptação de seus textos para a língua inglesa e as novas plateias. A relação com o mercado estadunidense - o império - desagradou a alguns conterrâneos e desencadeou críticas negativas. Quando *Maldito amor* (1982) se transmuta em *Sweet Diamond Dust and Other Stories* (1989), por exemplo, é acusado de perder força crítica em troca de clichês e facilidades para o leitor ‘norteno’. Em 1995, Ferré surpreende ao lançar o romance *The House on the Lagoon* originalmente em língua inglesa; finalista do *National Book Award*, esta é sua obra mais conhecida internacionalmente. Ainda que a edição em espanhol, *La casa de la laguna*, fosse publicada logo a seguir (1996), a prioridade concedida ao inglês por uma escritora reconhecidamente nacionalista e independentista gera grande controvérsia. Reagindo a esse emaranhado político-linguístico, ela declara por fim que não existe “tradução” ou “uma língua original” em seus últimos livros: “as versões, tanto em espanhol como em inglês, são originais” (FERRÉ, 2012, p. 168)⁸.

No romance *Eccentric Neighborhoods* (1998, também publicado originalmente em inglês), a personagem Elvira incorpora dilemas identitários de Porto Rico com a mistura de raízes hispânicas e a forte influência norte-americana no século XX. Segundo a autora, “ela está dividida da mesma maneira que a ilha está dividida”, indecisa sobre “o que significa ser porto-riquenho”, oscilando entre polos antagônicos (apud HANLEY, 1998). No mesmo ano de 1998, que marca o centenário da vitória dos Estados Unidos sobre a Espanha e de seu domínio na ilha, a escritora se coloca em posição ainda mais controversa ao defender a anexação de Porto Rico como estado equiparado aos demais estados

⁸ Muitos críticos seguem debatendo o assunto. Na verdade, Ferré parece usar sua ficção, em especial o romance *The house on the lagoon/ La casa de la laguna*, para ironizar ou problematizar a questão da originalidade, do clichê e da cópia (BYRKJELAND, p. 114-115; p. 137-138).

da união. Esta foi a opinião política defendida por seu pai (e pelas classes populares, em sua ficção), mas que ela sempre havia rejeitado de forma contundente. No ensaio "*Puerto Rico, USA*", publicado em março de 1998 no *New York Times* e na imprensa porto-riquenha, Ferré argumenta que "as condições mudaram" e que as linhas divisórias radicais haviam deixado de existir. Entende que os Estados Unidos se haviam gradualmente transformado em outro país: "o bilinguismo e o multiculturalismo são hoje aspectos vitais da sociedade americana". Com a comunidade latina atingindo enorme crescimento, exercendo influência determinante em diversos estados e no país como um todo, e metade dos porto-riquenhos vivendo fora da ilha, Ferré acredita ser impossível separar "aqui" e "lá", ou "nós" e os "outros". Assume, então, que "ser porto-riquenha é ser híbrida", bilíngüe, tanto "hispanica" quanto "americana", unindo aspectos inseparáveis de um mesmo conjunto (FERRÉ, 1998).

Mesmo mantendo Porto Rico como sua base, Rosario continua a viajar com frequência aos Estados Unidos para palestras e apresentações ou para ver os filhos que lá residem e trabalham, segundo ela mesma conta (2005b). A experiência pessoal e seu próprio núcleo familiar contribuem para interligar ilha e continente, línguas e culturas. O desenvolvimento de seu raciocínio em relação aos Estados Unidos se assemelha a argumentos apresentados por Rosi Braidotti sobre o processo de mudança ocorrendo nas identidades de estados-nação europeus, em face do grande movimento de migração mundial no sentido periferia-centro - que transforma esse centro de forma pluriétnica. No dizer de Braidotti (2002),

Um dos paradoxos centrais da condição pós-moderna histórica é a base mutante na qual periferia e centro se contrapõem um ao outro, de uma maneira perversa e complexa, desafiando as maneiras de pensar dualísticas ou contrárias, e requerendo, ao contrário, uma articulação mais sutil e dinâmica.

A definição sobre Porto Rico, porém, compreende fatores que excedem tal perspectiva à medida que contempla um lugar periférico com conflitos de caráter colonial: a última colônia americana. As posições tomadas por Ferré lhe deram uma visibilidade polêmica, afastando-a de colegas a quem antes se unira por ideais semelhantes. Ana Lygia Vega, por exemplo, colega escritora e professora da Universidade de Puerto Rico, publicou imediatamente uma “Carta abierta a Pandora” (1998), em protesto contra a mudança chocante de Ferré e os argumentos, que considerou inaceitáveis, a favor do novo estado.⁹ Entre outros intelectuais, a socióloga e professora Liliana Cotto repete o gesto, rejeitando, sobretudo, o suposto hibridismo de Porto Rico e seu progresso econômico. Se, na década de 1970, os conservadores julgaram que Ferré havia “traído’ seu pai, então Governador” (DÍAZ QUIÑONES, 2016), em 1998 ela é “acusada de traição por setores do independentismo porto-riquenho e de muitos intelectuais de esquerda” (FALLECE, 2016).

Alguns chegam a sugerir que ela era “uma fraude” como escritora e se vendera afinal ao “mercado internacional” (RAMÍREZ BETANCES, 2016), ou pior, que abandonara o espanhol por não considerar a língua de Cervantes tão lucrativa quanto o inglês (FERRÉ, 2012). A polêmica se desdobra e expande quando os argumentos usados por Vega e Cotto para criticar Ferré são questionados e desconstruídos por José E. Cruz, também porto-riquenho e professor de Ciências Políticas em SUNY-Albany, no estado de Nova York. Ele alerta contra raciocínios maniqueístas e reafirma a hibridez de Porto Rico desde o início da colonização, lembrando que “o caráter multidimensional da identidade porto-riquenha se expressa tanto existencial e culturalmente, quanto em termos de classe” (CRUZ, [1998]).

⁹ A referência a Pandora evoca o título da primeira coletânea de contos de R.Ferré, *Papeles de Pandora*.

Segundo matéria publicada no jornal *Prensa Latina* por ocasião de seu falecimento, “a autora renegou o independentismo e aderiu à chamada ‘estadidade (anexação) radical’, impulsionada por intelectuais pós-modernistas divididos [*a dos aguas*] entre Porto Rico e Estados Unidos” (FALLECE, 2016). De fato, numa década marcada por plebiscitos, divisão e polêmica, duas publicações de intelectuais jovens possivelmente atraíram Ferré no ano de 1997. Foram elas o livro *Puerto Rican Jam: Rethinking Colonialism and Nationalism*, coeditado por Ramón Grosfoguel e Frances Negrón-Muntaner, e o Manifesto “La estadidad desde una perspectiva democrática radical” (ou “Radical Statehood Manifesto”), proposto por sete professores universitários da ilha e/ou dos Estados Unidos, inclusive Grosfoguel e Negrón-Muntaner (DUCHESNE, 1997). Os textos interrogam visões tradicionais de nacionalismo, colonialismo e independência e sugerem que a integração da ilha aos Estados Unidos, como um estado regular, mas preservando sua própria cultura e história, poderia trazer benefícios à maioria da população porto-riquenha.

Já no século XXI, em entrevista concedida em Madri, Ferré declara que havia publicado em inglês para atingir um mercado editorial maior, sim, e para tornar sua obra mais conhecida no mundo, junto com a cultura e a história de seu país. Agradava-lhe também ser lida em novos círculos que não a julgassem primeiro por seu sobrenome ou por sua história familiar. Embora a controvérsia lhe parecesse saudável, ela não aceita o rótulo de “tradutora traidora” que alguns lhe impuseram por usar a “língua do colonizador” (FERRÉ, 2005b, p. 238-241). Reafirma suas raízes e seu orgulho nacional, mas defende um pensamento continental, hibridizado, e países com fronteiras flexíveis e mutantes.

Na apresentação de outra entrevista, concedida em Porto Rico no ano de 2002, Negrón-Muntaner associa as reações negativas de vários intelectuais da ilha ao papel desempenhado pela literatura e pela língua espanhola como escudos simbólicos contra o colonialismo linguístico e cultural dos Estados Unidos. Essa proteção se tornara urgente a partir da metade do século XX, com a intensa

emigração e a onipresença da língua inglesa pela popularidade do cinema, rádio e TV. Na reação desses intelectuais contra a publicação em língua inglesa transparecia o desejo de impedir que a melhor literatura porto-riquenha se transformasse em mercadoria globalizada e comum. Segundo Negrón-Muntaner, Ferré alcançara um status de “figura icônica” ou “heroína” na década de 1970, quando contrariou o pai governador, defendeu a independência e estabeleceu um espaço radical de criação e liberdade na revista *Zona de Carga y Descarga*. Os colegas e admiradores não admitiam que essa memória cultural fosse distorcida ou negada (FERRÉ, 2012, p. 155-8; p. 167).

De fato, nos anos 1970 Rosario Ferré havia assumido um protagonismo nas letras e no cenário social, político e intelectual da ilha, mas não sem enfrentar bastante oposição, como a “rejeição e desprezo dos críticos porto-riquenhos, principalmente os masculinos, que desvalorizam sua narrativa”. Devido a sua linguagem e seus temas, foi chamada de “anarquista, pornográfica e traidora de sua classe social” (HINTZ, 1997-2015). Depois, por causa do uso da língua inglesa e do realismo mágico em *The House on the Lagoon*, foi acusada de mercenária e entreguista. Se as mudanças de Ferré “para alguns parecem contradição”, para Ramírez Betances (2016) elas são “parte de um constante questionar, criticar e implodir categorias fixas e artificiais”. Negrón-Muntaner observa que, ao interrogar a obrigatoriedade do espanhol e outras pressões identitárias em pleno século XXI, Rosario Ferré não está só: um grande número de porto-riquenhos compartilha das dúvidas, contradições e desejos de modernidade por ela manifestos (FERRÉ, 2012, p. 160).

No ano de 2006, Ana Lydia Vega e Gabriel García Márquez, entre outros, assinam a Proclamação do Congresso da América Latina e Caribe pela Independência de Porto Rico. Afastando-se dessa tendência, os textos de Ferré publicados nesse período evocam a mistura linguística e cultural que ocorre entre os porto-riquenhos e, em paralelo, ironizam as pretensões de independência. Na crônica “*Una boricua en España*”, por exemplo, a escritora provoca: “Vindo de Porto

Rico, subúrbio de Nova York [...]” (FERRÉ, 2005a, p. 94). Em “*La lengua y sus significados*”, aborda a discussão sobre a influência do inglês na língua espanhola entre os porto-riquenhos e a expansão dos “dialetos fronteiriços como o *spanglish*” (FERRÉ, 2005a, p. 135). Reconhece a vitalidade trazida à língua de Porto Rico pela linguagem oral e os regionalismos, seu valor artístico e original e sua utilidade “para romper as barreiras dos preconceitos entre as nações”. Entende a inevitável presença de anglicismos em face da proximidade física e de todo o envolvimento econômico com os Estados Unidos mas, ao mesmo tempo, deseja que a língua espanhola falada em tantos países nunca perca sua “significação cultural e política” (2005a, p. 135). Como atestam seus escritos, a profunda ligação de Rosario com Porto Rico e com a língua espanhola não sofre abalos quando ela abandona a causa independentista.

A longa indefinição política da ilha sob o domínio americano é discutida por Ferré em ensaios e elaborada parodicamente em sua ficção. Ao comparar as difíceis heranças coloniais de seu país e da Irlanda, a autora conclui que a situação peculiar de Porto Rico “ainda nos causa opressão e complexo”, já que “não conseguimos libertar-nos politicamente” nem caminhar no sentido de “assimilar o outro, submetendo-o ao nosso arbítrio” de forma a poder integrar “sua estrutura sob nossas condições e preservando nossa cultura” (2005a, p. 111). Na ironia do conto “O espelho de Isolda” (“*Isolda’s Mirror*”, 1996a), cuja ação se passa em 1972, a escolha política depende da classe social dos personagens: os barões do açúcar defendem a independência; a maioria dos banqueiros apoia o Estado Associado Livre e o governo em vigor; e os serviços e os músicos, embora não consultados, seriam a favor do estado [*statehood*]. Na eventualidade da independência, novos dilemas se impõem aos barões em relação à defesa do país: seria desejável a aproximação com vizinhos caribenhos, inclusive Fidel Castro? E como manter distância dos “*niggers*” analfabetos das colônias inglesas e francesas?

Por outro lado, o narrador no conto “Captain Candelario’s last stand” (1996b, p. 163-197), traduzido para o espanhol em 2002 como “La extraña muerte del Capitancito Candelario”, revolta-se contra a decisão da “metrópole”, referendada por políticos manipulados, de conceder independência a Porto Rico em 1998, após um século de dominação colonial. Segundo ele, a decisão aparentemente democrática e altruísta na verdade libertava a própria metrópole dos gastos exorbitantes com a “ilha de São João Batista” (antiga denominação dada pelos espanhóis). Com a juventude da ilha musical e ideologicamente dividida entre “rockeros” e “salseiros”, o capitão Candelario, descendente da falida (mas supostamente nobre) família De la Valle, tenta sobreviver ao caos buscando refúgio na música clássica e na falsa autoridade de uma corporação militar (que resguarda e defende interesses norte-americanos).

Tempos antes, em conhecido ensaio publicado em 1980, “La cocina de la escritura”, Ferré já abordava sua relação ambígua e complexa com seu próprio tempo e lugar, a pesada herança patriarcal e o sistema colonial gerado e longamente alimentado pela história. Admitia ali sua própria inserção na “corrupção do mundo” e sua tentativa tanto de destruir, quanto de construir a realidade por meio do texto literário. Embora recorra a Virginia Woolf e à famosa defesa de “um teto todo seu” em seus próprios escritos, Ferré rejeita a valorização de uma escrita modelada pela alta cultura europeia e controlada no sentido pessoal e emocional (promovida, de maneiras diversas, por Woolf e Beauvoir). As histórias ouvidas das pessoas comuns na rua e das tias e empregadas em casa, cheias de aparente irracionalidade e rebeldia, alimentam sua imaginação, linguagem, e o desejo de denunciar relações arcaicas e injustas de raça, classe e gênero.

O conto “La bella durmiente”, na coletânea *Papeles de Pandora* (1976), oferece uma bela ilustração da maneira como a escritora hibridiza texto e tema ao associar mitos clássicos e música erudita - estudados nas escolas e perpetuados na cultura eurocêntrica - à música popular e às histórias do folclore negro e

indígena ouvidas na infância. Nesse texto Ferré ironiza o fascínio que os Estados Unidos exercem na classe alta porto-riquenha e parodia as colunas sociais do principal jornal de San Juan, pontuadas de termos “chiques” em inglês, que supostamente denotariam modernização e cosmopolitismo. Conjugando estilo literário com a cultura e a história de Porto Rico, o conto pode ser lido como uma paródia amarga das tradições e contradições da ilha. As elites de homens brancos se sucedem no controle sexual, racial, cultural, político e econômico, enquanto marginalizam espaços hibridizados, instáveis e impuros. Embora se aproximem, no mesmo espaço textual, centro e periferia, ricos e pobres, brancos e negros, a diferença e a hierarquia são mantidas. A violência fatal denuncia a complexidade e as dificuldades subjacentes ao lugar híbrido e intermediário na cultura porto-riquenha (e na história das populações de colonização hispânica ou ibérica na América Latina).

Tomando emprestadas as palavras de Nubia Hanciau sobre as narrativas pós-modernas, pode-se afirmar que a linguagem de Rosario Ferré evoca, subverte e entrelaça as “dicotomias oralidade e escrita, palavra e imagem, formas arcaicas e modernas, racionalidade e magia, que compreendem as escrituras híbridas dos tempos da pós-modernidade” (HANCIAU, 2005, p. 130). Este trabalho focaliza os paradoxos contemporâneos que transparecem nas escolhas pessoais e percursos literários da escritora, tentando evitar avaliações restritivas ou unilaterais. Em meio à polêmica e à censura, grande parte dos críticos defende que o trabalho de Ferré como jornalista, editora-chefe (da revista *Zona de carga y descarga*, fundada em 1972), tradutora e autora de obras de ensaio, poesia e ficção, faz dela uma das principais vozes da literatura de seu país, senão sua voz feminina mais inovadora e influente. Segundo o jornal *El Nuevo Día*, de San Juan, sua morte em 2016 “deixa a literatura porto-riquenha órfã de uma de suas vozes mais autênticas e contestadoras, apaixonada pela história de Porto Rico, exemplo de rigor intelectual e de constante desafio aos convencionalismos” (HISTÓRICA, 2016). Alguns desses termos parecem pouco apropriados para rotular Ferré, como “rigor” e

“autêntica”, por exemplo, já que ela pareceu escapar com frequência à rigidez de linhas e mapas e mostrar-se pouco à vontade num lugar fixo, imutável, e supostamente “autêntico”.

Novos tempos e novos leitores continuarão a ouvir e a responder à voz de Rosario Ferré. Tradicional, libertária, aristocrata e rebelde, controversa, uma coisa e outra, menos ou mais do que transparece nas expectativas e juízos. Disse coisas plausíveis? Fez avaliações errôneas? Para buscar resposta é melhor recorrer a outra porto-riquenha, a premiada escritora da nova geração Mayra Santos Febres (1966-), que imagina o espaço narrativo como um teatro onde não cabem linhas estanques: “Não jogo nem com a verdade, nem com a mentira, porque o pensamento caribenho muitas vezes interrompe esse binário, essa oposição. A verdade do que outras pessoas pensam como Caribe é, na realidade, uma mentira, um construto, e vice-versa” (SANTOS FEBRES, 2015)¹⁰. Pressões nacionalistas e identitárias em defesa das origens europeias, da fidelidade à língua-mãe e de uma suposta autenticidade não são exclusivas de Porto Rico. De maneira semelhante a Rosario Ferré, diversas escritoras na diáspora ou em deslocamento constante, como por exemplo Edwidge Danticat (1969-), nascida no Haiti e vivendo nos Estados Unidos desde os 12 anos, subscrevem a experiência crescente de línguas múltiplas e de culturas híbridas neste século XXI, em meio a múltiplos legados e desafios coloniais.

Referências:

BAILYN, Evan. *Música de Puerto Rico*. 2005. Disponível em: <<http://www.musicofpuertorico.com/index.php>>. Acesso em: 1 jun. 2010.

¹⁰ No original: “No juego con la verdad ni con la mentira, porque el pensamiento caribeño muchas veces interrumpe ese binario, esa oposición. La verdad de lo que otra gente piensa como Caribe, es, en realidad, una mentira, un constructo y vice-versa”.

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. Tradução de Roberta Barbosa. *Labrys: Estudos Feministas*, Brasília, n. 1-2, jul.-dez. 2002. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/rosi1.html>. Acesso em: 23 out. 2009.

BYRKJELAND, Bo. *The Reinvention of the Original: the Self-Translations of María Luisa Bombal and Rosario Ferré*. 2013. Dissertation (Doctor of Philosophy [PhD]) - University of Bergen, Bergen, 2014.

CANDAL, Maruja. Comentario del libro de Rosario Ferré: *A la sombra de tu nombre*. Ateneo de Ponce, 9 mar. 2001. Disponível em: <<http://www.sololiteratura.com/fer/fercomalasombra.htm>>. Acesso em: 23 out. 2009.

CASTILLO, Mariano. Puerto Ricans Favor Statehood for First Time. CNN, nov. 8, 2012. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2012/11/07/politics/election-puerto-rico/>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

COTTO, Liliana. Carta abierta a Rosario Ferré. *Nuevo Día*, San Juan, 8 abr. 1998. Disponível em: <<http://www.sololiteratura.com/fer/fercartaabierta.htm>>. Acesso em: 23 out. 2009.

CRUZ, José E. Contrapunto Boricua: Respuesta a Ana Lydia Vega y Liliana Cotto. [1998]. Disponível em: <<http://www.sololiteratura.com/fer/fercontrapunto.htm>>. Acesso em: 23 out. 2009.

DÍAZ QUIÑONES, Arcadio. El nombre de Rosario Ferré. *80 Grados*, 21 feb. 2016. Disponível em: <<http://www.80grados.net/el-nombre-de-rosario-ferre>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

DUCHESNE, Juan et al. La estadidad desde una perspectiva democrática radical: propuesta de discusión a todo habitante del archipiélago puertorriqueño. *Diálogo*, p. 30-31, feb. 1997.

FALLECE escritora puertorriqueña Rosario Ferré. *Prensa Latina*, San Juan, 19 feb. 2016. Disponível em: <http://www.prensa-latina.cu/index.php?option=com_content&task=view&idioma=1&id=4625951&Itemid=1>. Acesso em: 22 fev. 2016.

FERRÉ, Rosario. “Sin pelos en la lengua”: Rosario Ferré’s Last Interview. Concedida a Frances Negrón-Muntaner, 3 Jan. 2002. *Centro Journal*, New York, v. 24, n. 1, p. 154-171, Spring 2012.

FERRÉ, Rosario. *Las puertas del placer*. Bogotá: Alfaguara, 2005a.

FERRÉ, Rosario. Entrevista: In between dos worlds. Concedida a Gema Soledad Castillo García, Madrid, 6 mar. 2002. *Centro Journal*, New York, v. 17, n. 2, p. 232-247, Fall 2005b.

FERRÉ, Rosario. Puerto Rico, USA. *New York Times*, 19 Mar. 1998. Disponível em: <<http://www.sololiteratura.com/fer/ferpuertoricousa.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

FERRÉ, Rosario. Isolda's Mirror. In: _____. *Sweet Diamond Dust and Other Stories*. Translation by R. Ferré. New York: Plume, 1996a. p. 121-160.

FERRÉ, Rosario. Captain Candelario's Last Stand. In: _____. *Sweet Diamond Dust and Other Stories*. Translation by R. Ferré. New York: Plume, 1996b. p. 163-197.

FERRÉ, Rosario. *La casa de la laguna*. Barcelona: Emecé, 1996.

FERRÉ, Rosario. *The House on the Lagoon*. New York: Penguin/Plume, 1995.

FERRÉ, Rosario. Sleeping Beauty. Translation by R. Ferré and Diana Vélez. In: _____. *The Youngest Doll*. Lincoln: University of Nebraska, 1991a. p. 89-120.

FERRÉ, Rosario. On Destiny, Language, and Translation; or, Ophelia Adrift in the C. & O. Canal. Translation by R. Ferré. In: _____. *The Youngest Doll*. Lincoln: University of Nebraska, 1991b. p. 153-165.

FERRÉ, Rosario. La cocina de la escritura. In: _____. *Sitio a Eros*. México: Joaquín Mortiz, 1980. p. 13-33. Disponível em: <<http://ensayo.rom.uga.edu/antologia/XXA/Ferré/Ferré2.htm>>. Acesso em: 23 out. 2009.

FERRÉ, Rosario. La bella durmiente. In: _____. *Papeles de Pandora*. México: Joaquim Mortiz, 1976. p. 149-191.

342

FIGUEROA, Armando. Rosario Ferré: mujeres puertorriqueñas, una doble resistencia. *Quimera*, Barcelona, n. 123, p. 22-23, 1994. Número especial: "Catálogo de Sombras".

FLORES, Juan. Cortijo's Revenge: New Mappings of Puerto Rican Culture. In: YÚDICE, G.; FRANCO, J.; FLORES, J. (Ed.). *On Edge: the Crisis of Contemporary Latin American Culture*. Minneapolis: University of Minnesota, 1992. p. 187-205. (Cultural Politics Series, v. 4).

GONZÁLEZ, José Luis. El país de cuatro pisos (Notas para una definición de la cultura puertorriqueña). In: _____. *El país de cuatro pisos y otros ensayos*. Río Piedras: Huracán, 1980. p. 11-42.

GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, Roberto. Rosario Ferré. Hispanic Heritage in the Americas. In: *ENCYCLOPAEDIA Britannica*. 2010. Disponível em: <http://www.britannica.com/hispanic_heritage/article-9343860>. Acesso em: 5 abr. 2010.

HANCIAU, Núbia Jacques. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Niterói: Eduff, 2005. p. 125-141.

HANLEY, Charles J. Books and Authors: Rosario Ferré. *Puerto Rico Herald*, 21 May 1998. Disponível em: <http://www.puertorico-herald.org/issues/vol2n09/new_rosario-v2n9.html>. Acesso em: 2 jun. 2017.

HINTZ, Suzanne S. La palabra, según Rosario Ferré. *Proyecto Ensayo Hispánico: Ensayistas*. 1997-2015. Disponível em: <http://www.sololiteratura.com/fer/fersemblanza.htm>. Acesso em: 23 out. 2009.

HISTÓRICA jornada de la escritora Rosario Ferré. Editorial. *El Nuevo Día*, San Juan, 21 feb. 2016. Disponível em: <<http://www.elnuevodia.com/opinion/editoriales/historicajornadadelaescritorarosarioferre-editorial-2164675/>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

NAVARRO, Márcia Hoppe. Por uma voz autônoma: o papel da mulher na história e na ficção latino-americana contemporânea. In: _____ (Org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p. 11-55. (Coleção Ensaio CPG-Letras, v. 3).

PORTO, Maria Bernadette; TORRES, Sonia. Literaturas migrantes. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Niterói: Eduff, 2005. p. 225-260.

PORTO RICO. In: BIBLIOTECA virtual da América Latina. São Paulo: Memorial da América Latina, 2009. Disponível em: <<http://www.bvmemorial.fapesp.br/php/level.php?lang=pt&component=41&item=43>>. Acesso em: 23 out. 2009.

PUERTO RICO. In: THE WORLD Factbook. 2008. Disponível em: <<http://www.bartleby.com/151/rq.html>>. Acesso em: 23 out. 2009.

RAMÍREZ BETANCES, Beatriz E. Rosario Rebelde. *80 Grados*, 26 feb. 2016. Disponível em: <<http://www.80grados.net/rosario-rebelde/#sthash.LnAS8P6p.dpuf>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

ROBERTS, Brian Russell; STEPHENS, Michelle Ann. Introduction: Archipelagic American Studies - Decontinentalizing the Study of American Culture. In: _____; STEPHENS, M. A. (Ed.). *Archipelagic American Studies*. Durham: Duke University, 2017. p. 1-54.

SANTOS FEBRES, Mayra. Una conversación con Mayra Santos-Febres. Entrevista concedida a César Bringas. *Círculo de Poesia*, 3 maio 2015. Disponível em: <http://circulodepoesia.com/2015/05/una-conversacion-con-mayra-santos-febres/>. Acesso em: 30 jul. 2015.

SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? (1989). In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 187-205.

VEGA, Ana Lydia. Women and Writing in Puerto Rico: an Interview. Entrevista concedida a Consuelo Lopez Springfield e Elizabeth Hernandez. *Callaloo*, Baltimore, Jun. 22, 1994 (Special Issue: Puerto Rican Women Writers).

Disponível em: <<http://www.accessmylibrary.com/article-1G1-16309326/women-and-writing-puerto.html>>. Acesso em: 26 out. 2009.

VEGA, Ana Lydia. Carta abierta a Pandora. *Nuevo Día*, San Juan, 31 mar. 1998. Disponível em: <<http://vanesa-clases.blogspot.com.br/2010/06/carta-abierta-pandora-de-ana-l-vega.html>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

VILAS-BOAS, Sérgio. Porto Rico: dupla identidade falsa. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, Caderno Fim de semana, p. 24, 14 jul. 2000.

Recebido em: 9 de junho de 2017.
Aprovado em: 5 de outubro de 2017.